

A Emergência do Compartilhamento: O Futuro da Sociedade é Colaborativo?

The Emergence of Sharing: The Future of the Society is Collaborative?

Francisco Rodolfo Xavier Ramalho¹
Jeová Torres Silva Júnior²

RESUMO

Este estudo visa contribuir para o entendimento do processo de Adequação Sócio-Técnica (AST), caracterizado pelo reprojeto de artefatos tecnológicos e criação de Tecnologia Social em Fábricas Recuperadas (FRs). Em segundo plano, identifica a intensificação da experiência autogestionária em FRs na Argentina e no Brasil, incentivadas pela atuação e/ou omissão das políticas públicas estatais. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico sobre as políticas públicas nos países estudados e um posterior estudo de caso com base na realização de visitas e entrevistas estruturadas com trabalhadores, técnicos, representantes de movimentos sociais e pesquisadores. Constatou-se que em relação aos fatores analisados as experiências em Fábricas Recuperadas têm maior consolidação e maturidade na Argentina, fato que deve ser entendido como resultado da geração de tecnologias via AST e das políticas públicas para FRs. Embora a atual configuração das políticas públicas tem se limitado a subversão dos direitos de propriedade estabelecida, ao invés de incluí-lo como uma nova dinâmica econômica para o aprofundamento da experiência real de autogestão.

Palavras-chave: Economia do compartilhamento; Economia colaborativa; Sistemas econômicos.

ABSTRACT

In the present study we sought to enter the emerging issue of the sharing economy, exposing, to this, three factors that boosted its appearance: the Internet as a form of sharing goods and services, the economic moment as need for new forms of income and overcome a model exhausted by its crises and the sustainability as a means of generating a more conscious society. This study aimed to observe the ability of the sharing economy to initiate a new way of doing trade and change the direction of the global economy, thus creating a new collaborative society. To answer the questions put, we chose to bibliographic research of qualitative nature in magazines, books and online documents of Brazil and, especially, from abroad due to the lack of national publications on the subject matter.

Keywords: Sharing economy; collaborative economy; economic systems.

¹ Graduando pela Universidade Federal do Cariri (UFCA) Membro do Grupo de Estudos em Economia do Compartilhamento/Universidade Federal do Cariri. E-mail: rodolfo.enactus@cariri.ufc.br.

² Professor Efetivo Universidade Federal do Cariri (UFCA) Membro do Grupo de Estudos em Economia do Compartilhamento/Universidade Federal do Cariri, Mestre pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: jeova.torres@ufca.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

A forma de efetuar trocas comerciais sofre alterações constantes desde a pré-história em função das mudanças ocorridas nos modelos socioeconômicos de regulação dessas trocas. Por sua vez, os modelos socioeconômicos sofrem transformações dos fatores que o influenciam: as relações sociais, as tecnologias e o fator de produção. No capitalismo esta perspectiva tem se mantido. Segundo Bottomore (2002) o capitalismo mudou e tem mudado de forma a incorporar diversas conquistas e alterações sociais pelas quais passaram o mundo nos últimos três séculos, como a criação da máquina a vapor, da eletricidade e do computador até as lutas políticas e sociais.

De acordo com Rifkin (2014) a era do capitalismo está passando; não rapidamente, mas inevitavelmente. Segundo o mesmo autor, nós já estamos vivendo um momento de economia híbrida, parte capitalista e parte colaborativa. Erra quem acredita que um sistema econômico se choca com o outro pois na verdade os dois trabalham em conjunto. Encontram-se em uma sinergia em que um adiciona valor ao outro mas, no entanto, possuem profundas contradições.

Enquanto a economia capitalista se sustenta numa lógica individual, privada e competitiva a economia colaborativa se fundamenta numa perspectiva de relações grupais, cooperativas e compartilhadas.

Todavia se percebe um crescente favorecimento em direção à economia colaborativa em função dos atuais fatores de troca beneficiarem a lógica de regulação praticada neste modelo econômico. O conhecimento, a tecnologia móvel e as relações de causa se configuram como as principais vantagens da economia colaborativa em relação à capitalista. O conhecimento é o principal fator de produção, a tecnologia móvel é o principal método de compartilhamento e as relações de causa abrem margem para um modelo de economia que ultrapassa as barreiras impostas pelos modelos anteriores.

Entretanto, será mesmo que ainda que todos estes fatores estejam a favor, a economia do compartilhamento terá mesmo a capacidade transformadora de dar início a uma nova forma de se fazer trocas comerciais e mudar os rumos da economia global? Será mesmo que o futuro da sociedade é colaborativo? Ou estamos frente a somente mais um modelo contrário ao capitalismo?

Apesar da busca por publicações brasileiras encontrou-se grande dificuldade uma vez que se trata de um tema ainda pouco discutido em publicações nacionais. Optou-se por fazer uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo em revistas nacionais e internacionais, livros e documentos online a fim de introduzir a temática emergente da economia colaborativa.

2. A EMERGÊNCIA DA ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO

De acordo com Owyang, Tran e Silva (2013), uma economia inteira está emergindo das trocas de bens e serviços de pessoas para pessoas, e não mais de empresas para clientes. Isto está redefinindo as relações entre vendedores e compradores, expandindo modelos de transação e consumo e impactando nos modelos de negócios. Na economia do compartilhamento, propriedade e acesso são distribuídos entre todos. Isto resulta em um mercado em crescimento que comporta novos produtos, novos serviços, novas formas de consumo e interação e crescimento. Para Gansky (2010) nós estamos passando de um mundo aonde a propriedade intelectual privada era algo que aspirávamos para um mundo aonde o acesso a bens, serviços compartilhados e talentos triunfa sobre isto.

Para a Béchaux (2014), a economia colaborativa, compartilhada ou do compartilhamento, não é um fenômeno completamente novo. Na verdade, o que há de novo é a transformação de antigas formas de trocas de bens e serviços em um modelo econômico orgânico.

De acordo com Morlighem (2014) a economia do compartilhamento está inserida num momento temporal

de mudança de paradigma. Este novo paradigma introduz uma sociedade conectada, uma mentalidade interativa, uma mobilização que se expressa pela colaboração e na busca de um modelo econômico que possa responder às demandas desta sociedade. Enquanto animal social o homem sempre colaborou. O compartilhamento, a troca, a dádiva, o empréstimo e a permuta regeram durante muito tempo o modo de consumo e produção da sociedade. Mas na sociedade e na economia moderna estas práticas foram marginalizadas. O dinheiro e a propriedade privada impuseram sua dominação. Dessa forma, o fenômeno da emergência da economia colaborativa seria um verdadeiro retorno às fontes dos meios de troca da sociedade do passado. Por outro lado, entende-se que o retorno, a colaboração e o compartilhamento são uma alteração profunda no seio de nossa sociedade contemporânea e não é possível associa-los unicamente a crises econômicas. Mais do que a revolução introduzida pela economia do compartilhamento, são gestadas outras revoluções da década de 1970 até a atualidade, a saber: uma revolução tecnológica – da criação do computador às redes sociais; uma revolução ambiental – dos ecologistas às mudanças climáticas; e uma revolução econômica – da crise do petróleo à crise do emprego. As três impulsionam a economia do compartilhamento como uma alternativa para as formas de troca e consumo nos nossos dias. Nas subseções serão expostas informações complementares de cada uma dessas revoluções.

2.1 A Economia do Compartilhamento e a Influência da Revolução Tecnológica

Segundo Béchaux (2014), sem as inovações tecnológicas, a economia colaborativa nunca teria saído do status de vendas de garagem ou de carona para os vizinhos. Tais inovações tecnológicas têm seu marco inicial no surgimento dos computadores e posteriormente da Internet.

Rifkin (2014) usa alguns exemplos para expor a importância da Internet e da sua utilização produtiva para a sociedade atual. Segundo ele, a Internet está rapidamente sendo aplicada no meio ambiente para melhorar a administração dos ecossistemas da terra utilizando sensores para evitar queimadas, para medir o nível de poluição nas cidades, para aperfeiçoar sistemas de alarme contra avalanches, erupções vulcânicas e terremotos e investigando o comportamento de animais selvagens que possam afetar o bem-estar de outros ecossistemas, entre outros. O mesmo autor complementa ainda dizendo que a Internet permite que cada humano se conecte a outro em procura de sinergias e de facilitar interconexões de forma a otimizar o bem-estar social em todo planeta. Para Rifkin (2014) a expectativa gerada pela Internet que conecta tudo e todos aliada ao impulso da extrema produtividade que move o mundo atualmente nos direciona cada vez mais rápido a uma era de bens e serviços que fluam livremente, causando o encolhimento do capitalismo e a ascensão dos bens colaborativos. Da mesma forma, tal interconectividade tem reforçado o modelo econômico do compartilhamento através das novas relações de consumo alimentadas por sites como BlaBlaCar, Airbnb e Catarse que abrangem o compartilhamento de carros, imóveis e até financiamento coletivo.

2.2 Crises do Sistema Capitalista e seus Impactos para o Surgimento da Economia do Compartilhamento

Segundo Capra (2006) a economia atual é caracterizada por fazer uma abordagem fragmentada e fora do contexto ecológico e social em que se insere. Devido a esta abordagem os economistas acabam ignorando fenômenos econômicos importantes em seus estudos, como o da evolução dinâmica da economia. Segundo ele a evolução dos padrões econômicos acontecem de forma rápida e contínua.

De acordo com o mesmo autor a evolução da sociedade, e do seu sistema econômico, está intimamente ligada a mudança de valores, pois este serve de base para todas as manifestações sociais. Para Capra

(2006) a economia é dependente de valores e seus modelos e teorias basear-se-ão sempre num certo sistema de valores e numa certa concepção da natureza humana.

O modelo de distribuição do poder econômico que surge após o choque do petróleo nos anos 1970 vai diretamente favorecer o movimento da economia colaborativa décadas mais tarde. O oriente médio em função de reservas quase inesgotáveis de petróleo torna-se cenário de eventos decisivos da história mundial nos últimos quarenta anos. Se por um lado o óleo negro será o grande responsável nas décadas de 1980 e 1990 por gerar altos lucros, por outro provocará diversas guerras e contribuirá para espalhar o terror que a partir dos anos 2000, com a derrocada das torres gêmeas do World Trade Center, dará início a uma crise profunda no sistema capitalista. Crise esta que se aprofunda em 2008, com a chamada crise do subprime, produzindo baixo crescimento econômico e elevando os níveis de desemprego nas maiores economias do planeta.

Conforme Capra (2006) a economia atual passa por uma crise decorrente das anomalias que não conseguiu resolver a partir dos anos 1970: inflação em escala global e desemprego, má distribuição da riqueza, escassez de energia, entre outras.

A crise que atinge as economias ocidentais, depois dos anos 2000, marca a falta de fôlego do sistema capitalista, e a inviabilidade do mesmo para o futuro. É necessário se reinventar, construir um modelo mais justo e sustentável.

2.3 A Economia do Compartilhamento reforçada pela Necessidade da Sustentabilidade

Em um momento em que a crise ambiental coloca em ameaça a sobrevivência humana no planeta as discussões em torno do desenvolvimento de modos de vida mais sustentáveis tem se tornado cada vez mais valorizadas.

Segundo o documento *Beyond Economic Growth* do The World Bank (2004) o desenvolvimento sustentável é um termo difícil de ser definido uma vez que encontra-se em constante revisão. Entretanto em 1987 a Organização das Nações Unidas por meio da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento elaborou o conceito do termo em questão como uma resposta a humanidade perante a crise ambiental que o mundo passava, e permanece passando. A definição apresentada pela Comissão é a de que “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades”. Já para Sachs (1993), o desenvolvimento sustentável pode ser conceituado por meio da execução de ações que sejam socialmente justas, ambientalmente corretas e economicamente viáveis.

Segundo Morlighem (2014) um dos sinais marcantes que apontam o colapso de uma sociedade é um conflito entre os interesses de curto prazo de uma elite que toma as decisões e os interesses a longo prazo da sociedade. Esse conflito tem levado não só a consolidação das desigualdades socioeconômicas, mas implicado em uma crise ambiental que nos projeta além da urgência e das contingências do presente. A criação de um sistema sustentável que implique em uma melhor qualidade de vida para as próximas gerações é uma bandeira de luta dos movimentos ecologistas dos anos 1960 que, lamentavelmente, não tem se concretizado. Há muito tempo nós estamos passando de uma era de abundância e deixando para as próximas gerações uma era de penúria energética, alimentar e de água potável e tudo isso com uma população mundial que poderá chegar a dez bilhões antes do fim do século. A humanidade está à face do desafio de produzir menos e limitar o consumo para conservar.

Para Dill Goi (2010) o padrão de consumo exacerbado inaugurado pelo homem cria uma das maiores problemáticas relacionadas ao tema na atualidade: a natureza não consegue repor seus recursos com a mesma velocidade com que explora. Milaré (2005) complementa afirmando que isto decorre de um novo

fenômeno aonde, para suas novas e múltiplas necessidades, que são ilimitadas, o homem disputa os bens da natureza, que são limitados, ou seja, o progresso econômico e tecnológico como fonte de enriquecimento acarretou a crise ambiental atual.

Neste ambiente a economia do compartilhamento apresenta uma resposta que faz face às exigências da sociedade deste século. Dentro dos princípios da economia do compartilhamento estão o favorecimento do uso sobre o da propriedade, aonde bens e serviços não são mais individuais, mas compartilhados. Os locais de trabalho são divididos com outros empreendimentos, o compartilhamento de veículos pode causar a diminuição do uso de combustíveis poluentes, a produção local não se restringe a trocas entre vizinhos e os bens usados podem ser comercializados no mercado online. Tudo isso constitui-se essencialmente no desenvolvimento de um modelo econômico capaz de otimizar a utilização de recursos para atender as necessidades da sociedade e do planeta.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, a economia do compartilhamento coloca-se como uma resposta às fragilidades do capitalismo tradicional de sobrevivência perante as mudanças e evoluções alcançadas pelo homem nas últimas quatro décadas. O advento da Internet, o momento econômico desfavorável à visão racional egocêntrica e a necessidade de um futuro mais sustentável e, conseqüentemente, mais colaborativo colocam-se como os três principais fundamentos para o crescimento do movimento de compartilhamento de bens e serviços ao redor do mundo.

Assim sendo, a economia do compartilhamento é um movimento legítimo que veio para mostrar a sociedade ocidental que, mais que possível, é necessário adotar processos socioeconômicos políticos mais sustentáveis e colaborativas.

Então, de forma compartilhada que se propõe a reconciliação do mundo dos negócios com a sociedade colocando no lugar uma forma orgânica e renovada de gestão. A questão a se colocar é saber se estes novos modelos de troca de consumo e produção de bens e serviços ditos colaborativos adotados são suficientes para responder as questões do mundo do trabalho e a expressão concreta da responsabilidade social das empresas para a sociedade.

Referências

- BÉCHAUX, Stéphane. Le partage, c'est aussi du business. **Liaisons Sociales Magazine**, Rueil-Malmaison, n.156, p. 22-30, nov. 2014.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DILL GOI, M. Educação ambiental: uma proposta para o desenvolvimento sustentável do planeta. **Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, Pouso Alegre, v.26, n.1, p. 97-124, jan./jun. 2010.
- GANSKY, L. **The mesh: why the future os business is sharing**. New York: Penguin, 2010.
- MILARE, E. **Direito do ambiente: doutrina, jurisprudência, glossário**. 4 ed. São Paulo: RT, 2005.
- MORLIGHEM, A. **Économie collaborative: le nouvel art des co**. 1 ed. Paris: Décisions durables, 2014.
- OWYANG, J; TRAN, C; SILVA, C. **The collaborative economy: products, services, and market relationships have changed as sharing startups impact business models**. San Mateo: Altimeter, 2013.

RIFKIN, J. **The zero marginal cost society: the internet of things, the collaborative commons, and the eclipse of capitalism**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

WASHINGTON. The World Bank. **Beyond Economic Growth**. Washington: WBI Learning Resources, 2004